

Mitos de papel. Atrizes de cinema na imprensa brasileira

Doutoranda: Ana Carolina Maciel

Orientadora: Prof. Dra. Cristina Meneguello

Bolsista CNPq

ANPUH ASSIS

JULHO 2006

INDICE

Apresentação - página 2

O Mito - página 6

Mitos de papel - página 7

Autobiografias... - página 8

Contornos e perspectivas lineares; luzes e sombras. Eis os métodos possíveis para traçar um desenho¹. Eis os métodos componentes de biografias e autobiografias, onde contorno e linearidade são os recortes temporais, luzes e sombras a subjetividade dos narradores. Dentre luzes e sombras vislumbramos a imagem projetada da ex-atriz cinematográfica Eliane Lage; uma imagem que tremula no imaginário de gerações. Delinear contornos à sua figura implicaria forçosamente em limitá-la, lance-mo-na, portanto, inteiramente no espaço.

Apresentação

Minha pesquisa tem por objetivo descortinar, por meio da imprensa, depoimentos, filmes e escritos, os elementos constituintes do *mito* Eliane Lage. Para tal realizei amplo levantamento em periódicos - anos cinquenta -, gravei depoimentos de atores e técnicos que trabalharam na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, realizei um documentário sobre Eliane Lage, e analisei sua recém lançada autobiografia *Ilhas, Veredas e Buritis*².

Partindo do pressuposto de que instrumentos distintos fornecem informações biográficas e contribuem para a representação de personagens³, considero que , publicações da imprensa especializada brasileira dos anos cinquenta, constituem uma importante fonte de construção biográfica.

Afinal, é possível descobrir Eliane Lage além das telas de cinema, além das páginas da imprensa, além de si mesma? Na **autobiografia**, *Ilhas Veredas e Buritis*⁴, lançada aos setenta e sete anos, ela toma a palavra e, ao narrar sua trajetória, se humaniza, a meu ver rumando em busca de uma 'verdade' por detrás de suas personagens. Mas, após cinco décadas da estréia no filme *Caiçara*, o enigma em torno de si já estava suficientemente consolidado. Não há objetividade possível e, como uma sombra projetada sobre a superfície, Lage assume os contornos que cada um toma para si.

¹ Cf. escultor norte americano MOORE, Henry, 1976

² Ed. Brasiliense, São Paulo, 2005.

³ Cf. COLLOVALD, Annie. *Identités Stratégiques*, in *Actes de la Recherche en sciences sociales*. 73, juin 1988, p.30

⁴ Ed. Brasiliense, São Paulo, 2005.

*Un acteur, dit-elle [Jeanne Moreau] , c'est fait pour proférer, c'est une bouche qui s'ouvre pour dire des paroles que d'autres gens ont écrites. Un acteur, c'est fait pour être vu*⁵.

Não pretendo biografar Eliane Lage, na visão de uma biografia tradicional “do berço ao túmulo”, mas sim seguir seu percurso, analisando sua narrativa – autobiográfica -, bem como suas entrevistas à imprensa onde, embora suscitantemente e em fragmentos, ela vai progressivamente esboçando sua história. Paralelamente, e como contraponto, há uma narrativa construída *sobre* ela – principalmente na imprensa e no relato de seus contemporâneos - , dando contornos a um mito que perdura, no limite, há cinco décadas.

*La biographie n'est pas un portrait; ou si on peut la tenir pour un portrait, elle y introduit la durée et le mouvement. Le récit doit couvrir une suite temporelle suffisante pour que'apparaisse le tracé d'une vie*⁶ [A biografia não é um retrato, ou se a podemos considerar um retrato, ela o introduz duração e movimento. O texto deve cobrir um recorte temporal suficiente para que apareça o traçado de uma vida.]

Partindo da sugestiva definição de Starobinsky, pretendo esboçar o *traçado de uma vida*, ou seja seja, da vida de Eliane Lage, introduzindo *duração* e *movimento* ao retrato estático que lhe foi moldado e que permaneceu imóvel durante décadas. Desta forma, pretendo libertá-lo de possíveis amarras, mergulhando-o na subjetividade que implica a trajetória de uma vida.

Tentar compreender a história de vida de Eliane Lage esbarra fatalmente numa *falta de perspectiva* apontada por Yourcenar pois, enquanto habitante do imaginário, ‘verdades’ foram consolidadas e permaneceram na fala de seus contemporâneos, sendo praticamente impossível quebrar a redoma que a envolve. Se considerarmos a afirmação de Jeanne Moreau de que *um ator é feito para ser visto*⁷, uma imagem construída de Lage perdura até os dias atuais e perpassa a fala de seus contemporâneos.

⁵ DURAS, M. *Outside*, Gallimard, 1984, p.258

⁶ STAROBINKY, J. *Le style de l'autobiographie*, in *Poétique*, revue de théorie et d'analyse littéraires. Paris – Sorbonne, p.257.

⁷ Cf. DURAS, M. *Outside*, Gallimard, 1984, p.258

Temos, para citar um exemplo, o depoimento de Mauro Alice - montador da Companhia Cinematográfica Vera Cruz⁸ -; que, ao ouvir Lage dizer que nunca se considerou uma boa atriz⁹, se recusa a aceitar esta afirmação, pois para Alice *ela foi uma grande atriz*, e é isso o que realmente importa. Anselmo Duarte, que atuou com Lage em *Sinhá Moça*, igualmente afirma que ela foi uma excelente atriz, muito embora não gostasse de atuar¹⁰. Já Galileu Garcia – que trabalhou no departamento de publicidade da Vera Cruz, narra o fascínio que a *imagem* de Lage exercia: durante as filmagens ele não desejava olhar diretamente para ela, mas para a sua imagem pelo visor da câmera¹¹.

Tendo em vista tais considerações, penso que, se não é possível ‘desconstruir’ estas e outros tantos mitos que a circundam, seria interessante perceber os mecanismos de construção desses mitos e, paralelamente, ligá-la ao seu tempo, ou seja, enquanto atriz do cinema brasileiro.

Oriunda de uma *família nobre*, detentora de uma beleza estonteante, misto de *Ingrid Bergman* e *Greta Garbo*, *diva* incontestado do cinema nacional, são adjetivações e comparações difundidas pela mídia, contemporâneos e espectadores. Mesmo após a falência econômica da família Lage e do envelhecimento físico de Eliane, aqueles que abordam sua vida trazem à tona a pujança econômica familiar e seus atributos de beleza física.¹²

Em meio a tantas adjetivações, o *mito* Eliane Lage permanece envolto sob uma aura de mistérios. Mistérios que aguçam a imaginação daqueles que tentam - em vão -, decifrá-los.

*

*Toda ilha é um pequeno mundo em si, um pequeno universo em miniatura (...) Temos o sentimento de estar numa fronteira entre o universo e o mundo humano*¹³

⁸ Em depoimento à autora (agosto 2005)

⁹ Em depoimento ao documentário *Eliane* (2001) de Caco Souza e Ana Carolina Maciel

¹⁰ Em depoimento à autora (novembro de 2005)

¹¹ Em depoimento à autora (outubro de 2005)

¹² Esta foi a abordagem em recente entrevista ao *Programa do Jô*, na Rede Globo, em 25 de outubro de 2005.

¹³ YOURCENAR. M. *Uma ilha na América*, in *De olhos abertos*. Ed. Nova Fronteira, SP, 1980, p.129.

Eliane Lage [Paris, 1927-] -, atuante no cinema brasileiro durante os anos cinquenta do século XX, surge e desaparece da cena cinematográfica meteóricamente. Ela atuou em cinco longas metragens: foi protagonista em *Caiçara*, *Ângela*, *Sinhá Moça e Ravina* e coadjuvante em *Terra é Sempre Terra*¹⁴. Na era dos estúdios paulistanos dos anos cinquenta – quando surgem a Vera Cruz, Kino Filmes, Multifilmes, Brasilfilmes, dentre outros -, atores e atrizes eram, geralmente, recrutados em companhias de teatro ou oriundos do rádio, de cassinos e/ ou boates. Ocasionalmente poderiam ser ‘descobertos’ em ambientes de trabalho, ou ‘caçados’ pelos denominados ‘olheiros’, que circulavam anônimos em busca de algum talento inato.

Lage, que não teve nenhuma formação artística, tampouco pretensões a tal, entrou e saiu do cinema brasileiro pela porta da frente. No auge de sua beleza física, aos trinta e um anos de idade, ela desaparece dos *écrans* cinematográficos. Mais do que reafirmar, como vem fazendo a crítica cinematográfica há décadas, que ela *abandonou* o cinema, cumpre indagar: não teria o cinema *a abandonado*? Não apenas Eliane Lage, Tom Payne e tantos outros técnicos, atores e atrizes envolvidos em um curto, mas determinante, surto cinematográfico paulistano.

Partindo do pressuposto de que não há uma *verdadeira* Eliane Lage, analisando as fontes disponíveis é possível perceber quais os mecanismos edificadores de sua imagem. Tendo Lage como uma porta de entrada neste contexto é interessante traçar alguns paralelos. A legitimação da entrada no mundo cinematográfico poderia ser a resultante de uma vocação inerente - “desde criança eu gostava de ir ao cinema”, “de imitar atrizes”, “sabia cantar muito bem”, “era muito bonita” -; ou seguir uma vertente da constante negação: “nunca sonhei em ser atriz de cinema”, que acompanha os depoimentos de Eliane Lage

Em linhas gerais, há um *caminho* possível que nos conduza à *pessoa* Eliane Lage?

Cito Marisa Lajolo:

¹⁴ A atriz escalada inicialmente para o papel sofre uma fratura e Eliane, que estava visitando Payne durante as filmagens, foi escalada para substituí-la.

Cartas, campanhas e livros são alguns dos caminhos que podem nos conduzir à pessoa do escritor Monteiro Lobato. Será que conduzem mesmo? O caso é que nem todas as veredas ao longo das quais Monteiro Lobato viveu sua vida dão conta dela. Pois que caminhos dão conta da vida de uma pessoa¹⁵?

Caminho, ou talvez para abandonar a idéia de um trajeto com um destino determinado, percursos? Visto que *dar conta* de uma vida é tarefa inatingível, que tal mergulhar na subjetividade desta vida?

¹⁵ LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato. Um brasileiro sob medida* Ed. Moderna, SP, 2002, p.10

O Mito

Cito Ignácio Loyola de Brandão:

Durante quase 50 anos, me perguntei e perguntava: onde está Eliane Lage? Ninguém sabia responder. (...) Eliane alimentou meus sonhos de adolescência, paixão platônica, já que estava distante, inacessível, era impossível, vivia em outro mundo, pertencia a outro universo e, além do mais, dizia-se, era rica, esnobe, descendia de uma família milionária e tradicional, (...). Eliane fez como Greta Garbo. Retirou-se (...) desapareceu, nunca mais foi vista Até ser reencontrada por dois jovens, a historiadora Ana Carolina Maciel e o cineasta Caco Souza (...)¹⁶.

O documentário *Eliane* foi rodado em 2002 e foi durante o seu processo de pesquisa que surgiu o desejo de refletir sobre a experiência cinematográfica de Eliane Lage. Afinal, como ela pôde – dentre tantas outras atrizes –, ter um tamanho poder de permanência? Foram poucos filmes, apenas quatro como protagonista. Ela atuou durante um curto período: quatro anos na Vera Cruz, seguidos de um breve retorno às telas em *Ravina*, lançado em 1958. Ela voltaria às telas apenas quarenta e dois anos depois, no curta metragem *Eliane*.

Cito Loyola novamente:

Eliane revela nesse filme que fez cinema por causa do marido, não se considerava atriz, não conseguia penetrar no personagem, vivia a si mesma na tela. Mas sabia que era fotogênica. Saberia também a atração, o desejo que provocava nos jovens que com ela sonhavam? Sabia que alimentou esperanças em corações e mentes¹⁷?

Loyola expressa magistralmente o fascínio que Eliane Lage exerceu, e ainda exerce, em *corações e mentes*, e é justamente este fascínio que é instigante. Atrizes que tiveram trajetórias cinematográficas mais duradouras e consistentes, como por exemplo Lúcia Mattos, não permaneceram no imaginário de forma tão definitiva. Não há como buscar explicações objetivas para um fenômeno puramente emocional, que nos remete à adoração religiosa.

¹⁶ BRANDÃO, Ignácio Loyola de. *Finalmente encontraram Eliane Lage*, O Estado de São Paulo, 19 abril 2002.

¹⁷ BRANDÃO, Ignácio Loyola de. *Finalmente encontraram Eliane Lage*, O Estado de São Paulo, 19 abril 2002.

Pois, conforme nos situa Edgar Morin, a estrela cinematográfica é cultuada como uma *semideusa*¹⁸.

Afinal, seriam as estrelas cinematográficas etéreas, feitas de carne e osso ou de celulóide? Na era da sétima arte os fiéis cedem lugar aos *fans*, e a estrela surge envolta numa aura de mitificação. Parafraseando Le Goff - em estudo dedicado à concepção de Deus -, as estrelas cinematográficas, através dos mecanismos de adoração, são *intermediárias entre Deus e os simples fãs*,

*La Edad Media hizo el Buen Dios. Y el Buen Dios suscitó una elite de hombres e mujeres, nuevos héroes cristianos, que remplazaron a los heroes paganos antiguos: son los santos, intermediarios entre Dios e los simples fieles*¹⁹

Mitos de papel

Com uma produção tímida, não apenas quando comparada ao ‘monstro’ hollywoodiano, o sudeste brasileiro, e mais especificamente São Paulo, esforçava-se em produzir e divulgar sua cinematografia. Mas esta era uma árdua tarefa; quando prontos, os filmes esbarravam em dificuldades de distribuição e exibição. Quando finalmente conseguiam ser exibidos, deparavam com um baixo poder aquisitivo da maioria população que não podia freqüentar as salas de cinema devido ao alto custo dos ingressos. Já em 1954 este cinema havia entrado em franco declínio, estando os estúdios da Vera Cruz paralisados e vários outros interrompiam a produção devido à problemas financeiros.

Tendo em vista as precariedades de produção e exibição dos filmes nacionais, o departamento de imprensa da Vera Cruz enviava textos e fotografias de suas produções aos mais longínquos pontos do Brasil, e dessa forma construía os seus mitos de papel. Mesmo sem ter acesso aos filmes, que por vezes nem chegavam a ser exibidos, a população brasileira ‘partilhava’ a vida de suas estrelas e astros através da imprensa escrita, que com preços mais acessíveis e a possibilidade de circulação mais eficiente, alcançava aqueles que não podiam freqüentar as salas de cinema.

A tímida produção cinematográfica nacional não possibilitou que Lage efetuasse ‘escolhas’ dos papéis, ela atou nos

¹⁸ Cf. MORIN, E. *As estrelas de Cinema*, Livros Horizonte, Portugal, 1980.

¹⁹ GOFF, J. *El Dios de la Edad Media*, Editorial Trotta, Madrid, 2005, p.22

filmes que lhe foram outorgados, o que enfumaçaria ainda mais uma possível leitura ‘biográfica’ de seus filmes.

Em sua curta filmografia, ela foi vítima de alguns casamentos forçados, bem ao gosto melodramático de então. Ela foi **Marina**, órfã de leprosos que é obrigada a casar com um rude pescador; foi **Ângela**, cujo casamento foi acertado para pagar dívidas do padraсто jogador; foi também **Sinhá Moça** – o seu filme preferido –, filha de um fazendeiro e defensora da abolição; e, finalmente, foi **Ravina** uma jovem *femme fatale*, que passa o filme seduzindo e fugindo dos homens que a perseguem. Em suma, seus papéis contribuem para imagens distintas sendo que, dentre todos eles, *Ravina* é o mais sintomático, pois foi um filme escrito especialmente para ela atuar, pelo crítico de cinema no jornal *O Estado de São Paulo*, Rubens Biáfara, e que Eliane afirma não ter *entendido* como ela foi a escolhida, pois não tinha a menor identificação com o filme.²⁰

Octavio Paz, em biografia sobre Sórora Juana de la Cruz, afirma:

Uma vez escrita, a obra tem uma vida diferente da do autor, aquela que lhe é outorgada por seus sucessivos leitores²¹.

Fazendo uma livre analogia, percebemos que *uma vez filmado*, o filme tem uma vida diferente que lhe é outorgada por seus sucessivos *espectadores*. Sendo assim, a filmografia e as personagens de Eliane Lage têm vida autônoma, permitindo interpretações diversas. Os papéis representados por Eliane Lage e por outras atrizes do cinema brasileiro, extravasariam os limites da sala escura. Uma vez habitantes do *écran*, elas teriam que incorporar personagens, erigidos na confluência de inúmeros desejos. Sendo assim, as *estrelas* poderiam ser *vamps*, ingênuas, *femme fatale*, cômicas e até dramáticas. Tudo dependeria da imagem que lhes projetassem.

Autobiografias...

Cito Lage, Cinelândia – 1952:

²⁰ Em depoimento à autora, 2002.

²¹ PAZ, O. *Sórora Juana de la Cruz, As armadilhas da Fé*, Ed. Mandarim, SP, 1998, p.17

*Como me casei com meu diretor? Casei-me com Tom Payne porque gosto dele. Tudo muito simples como se vê. Nada de romance cinematográfico, nada de novelesco (...) Eu não era atriz de cinema, nem pretendia ser estrela. O cinema não entrava jamais em minhas cogitações. Assim, não me casei com o diretor porque sou de cinema mas, ao contrário, sou de cinema porque amei um diretor*²²

Vários elementos, divulgados pela mídia dos anos cinquenta, retornam em seu livro autobiográfico *Ilhas, veredas e Buritis*. Dentre eles se destaca a negação do desejo em fazer cinema que é um *leit motiv* em suas falas:

*A pergunta infalível dos repórteres que rondavam a Vera Cruz era: “Quando sentira pela primeira vez a vocação artística?” E a resposta era sempre: “Quando vira Tom pela primeira vez”. Plenamente consciente que o meu interesse por cinema dependia unicamente de minha ligação com Tom [Payne](...)*²³

Inúmeras matérias e entrevistas que, no limite, há cinquenta anos vêm traçando o perfil de Lage, recorrem frequentemente ao seu passado nobre. A situação social das atrizes era variada, havia as ‘bem nascidas’, as ‘caipiras’, as ‘classe média’ que tiveram a chance - através de concursos - , ou as que foram ‘descobertas’. No meio cinematográfico ela era uma *outsider*, enquanto Anselmo Duarte, ia visitá-la na Granja Nuporanga, à bordo de um jaguar, o casal Payne se locomovia num jipe Land Rover. Contrariamente ao seu desejo, a atitude despojada e arredia de Lage iria conferir um chame extra à sua figura de mulher enigmática.

Para perguntas infalíveis, Eliane Lage apresenta respostas infalíveis. Um almoço, uma paixão, um acaso. Não há risco em afirmar que em grande parte dos depoimentos ela segue um ‘roteiro’ pré estabelecido, e este se repete, desde as entrevistas contemporâneas à sua atuação como atriz até entrevistas atuais. Trata-se de um presente e um passado continuamente domesticados.

Foucault, em análise dedicada às possíveis interpretações do quadro de Magritte *Ceci n’est pas une pipe* afirma,

²² Cinelândia, Junho 1952, “Casei-me com o diretor”

²³ LAGE, E. *Ilhas, Veredas e Buritis*, Ed. Brasiliense, SP, 2005, p.102

(...) *toda função de um desenho tão esquemático, tão escolar, quanto este é a de se fazer reconhecer, de deixar aparecer sem equívoco e sem hesitação aquilo que ele representa*²⁴

Em sua autobiografia, depoimentos e entrevistas, Lage não hesita. A representação dela, por ela *mesma*, é infecunda se pretendermos ‘decifrá-la’ por detrás do seu próprio enigma. Mas esta representação é uma *construção*, e como tal é suportada por alicerces e pilares. É preciso penetrar dentre as fendas desta *construção*, afinal, nada mais parcial que uma autobiografia, gênero que carrega por definição: *a biografia de uma pessoa feita por ela mesma*²⁵

²⁴ FOUCAULT, Michel. *Isto não é um Cachimbo*. Ed. Paz e Terra, SP 2002, p.20

²⁵ STAROBINKY, J. *Le style de l'autobiographie*, in *Poétique*, revue de théorie et d'analyse littéraires. Paris – Sorbonne, p.257.